

RESENHA DE TESE

“MINHA VIDA DE AMEBA”: OS SCRIPTS SEXO-NORMATIVOS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS ASSEXUALIDADES NA INTERNET E NA ESCOLA.

Thais Gava¹

OLIVEIRA, E. R. B de. “*Minha vida de ameba: os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola*”. 2014. 225 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: s.n., 2014.

A tese de doutorado defendida por Elisabete Oliveira apresenta a assexualidade como um componente da diversidade sexual, na qual é definida como “uma forma de viver a sexualidade caracterizada pelo desinteresse pela atividade sexual, podendo ser ou não acompanhada pelo interesse em relações amorosas” (p. 15). Esse posicionamento coloca em cheque alguns postulados históricos que têm permeado as construções sociais de sexualidade e gênero em nossa sociedade – a centralidade das relações amorosas e sexuais na experiência humana e universalização do interesse sexual e/ou amoroso e consequente compulsoriedade da atividade sexual nas relações amorosas entre as pessoas.

Por meio de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa e de perspectiva sociológica, Oliveira estudou o processo de autoidentificação de indivíduos assexuais, com destaque para suas interações sociais na escola, durante a educação básica – ensino fundamental e médio. Foram entrevistadas 40 pessoas autoidentificadas como assexuais – 8 delas em entrevistas presenciais e 32 por e-mail. Esse material foi analisado à luz da literatura de base construcionista social, com destaque para a Teoria dos Scripts Sociais de John Gagnon e William Simon, em articulação com os estudos de sexualidade, gênero, diversidade sexual e educação.

Historicamente, a falta de desejo sexual e/ou amoroso foi considerada como um distúrbio de ordem psicológica ou fisiológica na literatura médica, bem como um problema no senso comum. Todavia, o desinteresse sexual e/ou amoroso – ou pelo menos uma parcela deste – ganha novo significado com a intensa produção das comunidades virtuais e sites criados para a discussão e disseminação da identidade assexual.

Neste novo paradigma – reforçado pelos assexuais – o desinteresse sexual e/ou amoroso é compreendido como parte do espectro da diversidade sexual humana, sendo característica de uma forma distinta de vivência da sexualidade, que não se fundamenta no pressuposto do interesse sexual compulsório, como ocorre com as sexualidades mais estudadas.

Ao propor uma pesquisa sobre a assexualidade, Elisabete transcorre por caminhos até então pouco explorados na literatura científica e acadêmica do país. Este contexto acarretou em estratégias metodológicas que a fizeram se aproximar dos sujeitos da pesquisa a partir da criação do blog *Assexualidades*², que se tornou uma ferramenta de pesquisa e um canal de interação com indivíduos e comunidades assexuais do Brasil. Já no Capítulo 1 ela apresenta o relato da construção desta investigação e faz uma importante reflexão acerca dos rumos da pesquisa após a criação do blog, já que este instrumento promoveu a divulgação da pesquisa e trouxe como consequências diversas entrevistas à mídia sobre o tema, que contribuíram diretamente para a produção de discursos sobre a assexualidade no Brasil, impactando também no próprio universo pesquisado.

No Capítulo 2, a autora delimita a escola como um espaço importante de enfrentamento da discriminação às sexualidades não normativas. Além disso, este capítulo apresenta as bases teóricas para a discussão da assexualidade como um componente da diversidade sexual, a partir da discussão sobre o que a pesquisadora denomina como sexo-normatividade, ou seja, “o conjunto de normas sociais que estabelece a universalidade do interesse sexual e a compulsoriedade da atividade sexual nas relações amo-

¹ E-mail: tmgava@gmail.com

² Para saber mais, acessar < <http://assexualidades.blogspot.com.br/>>

sas” (p. 16).

Já no Capítulo 3 há o detalhamento dos procedimentos metodológicos do trabalho de campo. O Capítulo 4 traz as biografias das 8 pessoas entrevistadas presencialmente, buscando oferecer um panorama geral das vivências destes participantes, com destaque para o histórico de autoidentificação como assexual e de que maneira essa identificação impactou as relações nos diferentes contextos – familiar, escolar e comunitário.

O Capítulo 5 apresenta a análise do material empírico coletado durante o trabalho de campo, com destaque para os processos de autoidentificação da assexualidade – percepção das diferenças, buscas identitárias e encontro com o conceito da assexualidade. O estudo também se deteve nas experiências dos(as) entrevistados(as) com a educação sexual escolar, suas expectativas e opiniões sobre a inclusão da assexualidade nas ações da escola no campo da educação sexual.

As Considerações Finais apresentam as principais conclusões da análise do material empírico, com destaque para os resultados relevantes para a área de educação. Uma primeira consideração está relacionada às novas configurações das instâncias socializadoras tradicionais e o papel do espaço virtual na mediação da autoidentificação com pessoas assexuais. Esta constatação abre espaço para a reflexão do papel da escola na discussão da sexualidade além de seu aspecto biológico ou preventivo. A escola – e as outras instituições de socialização – não responde as dúvidas e questionamentos dos(as) entrevistados(as), o que os(as) fizeram buscar respostas sobre suas identidades no ambiente da internet. Todo esse processo encontra similaridades com outros estudos sobre a diversidade sexual, já que o pano de fundo dessas trajetórias é a identificação com sexualidades não normativas.

Muitas pessoas entrevistadas revelaram que, antes de conhecer o conceito de assexualidade, sentiam-se “alienígenas” no planeta, pois a visibilidade da assexualidade ainda é limitada. Portanto, enfrentam uma dupla tarefa identitária: em primeiro lugar, conhecer a si mesmo(a); em segundo lugar, mostrar para a sociedade que sua sexualidade é compartilhada por muitas outras pessoas no mundo, tratando-se, portanto, de uma sexualidade legítima. (OLIVEIRA, 2015, p. 204)

Todavia os(as) entrevistados(as) ainda veem a escola com um importante espaço na formação para a vida em sociedade, mas que pode representar um espaço reprodutor de preconceitos e discriminações de suas diferenças. Neste momento, Oliveira chama a atenção para a necessidade da ampliação das discussões que advêm das rupturas propostas pela identidade assexual, no que se refere ao desejo sexual e/ou amoroso e envolvimento sexual, para a diversidade sexual no que se refere à construção de políticas educacionais que incidam no preconceito e na discriminação vivenciados por pessoas com identificações não normativas no ambiente escolar.

Pode-se dizer que o trabalho de Elisabete Oliveira é pioneiro ao propor indagações e reflexões que corroboram para o enfraquecimento das teorias essencialistas sobre as sexualidades que ainda permeiam boa parte da ciência, dos cenários culturais e das relações sociais. Ele é inovador, pois se propõe a discutir teoricamente essas indagações criando espaços para outros estudos, não só em educação, mas em outras áreas das ciências humanas.